

A AFETIVIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Resumo: Este estudo aborda as relações afetivas na escola, com foco no vínculo entre professor e aluno na Educação Infantil. Utilizando pesquisa bibliográfica, busca-se explorar e examinar documentos e obras de autores renomados que abordam essa temática, visando a obtenção de insights e compreensões mais profundas sobre o assunto, explorando como essas relações podem influenciar a aprendizagem das crianças e como os laços afetivos podem impactar no seu desenvolvimento intelectual e emocional.

Palavras-chave: Afetividade; Educação Infantil; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

No âmbito educacional, a formação e competência dos professores é assunto abordados destacando a importância de qualificações, atualizações e estratégias de ensino. No entanto, o aspecto afetivo na relação entre aluno e professor muitas vezes é negligenciado, resultando em uma diminuição das interações e diálogos significativos na escola.

Neste contexto, é fundamental abrir novos debates sobre o assunto, especialmente no ensino infantil, onde as crianças estão desenvolvendo sua compreensão do mundo e explorando o meio em que está inserido. Dessa forma, proporcionar experiências, estabelecer vínculos afetivos com as crianças, pode proporcionar um ambiente propício para o aprendizado e o desenvolvimento social, criativo e autônomo das crianças.

Este estudo tem como objetivo geral compreender a importância da afetividade na relação professor-aluno, e como objetivos específicos busca demonstrar como os relacionamentos afetivos influenciam o comportamento das crianças, examinar o papel da família e da escola na mediação do envolvimento dos alunos nas atividades escolares, e oferecer uma análise crítica do tema com base em teóricos como Jean Piaget (1896-1980) e Henry Wallon (1879-1962).

A pesquisa é de natureza bibliográfica, baseada na análise de artigos, livros e outros recursos teóricos, em que questões norteadoras foram geradas, como intuito de explorar esse tema a influência da afetividade, principalmente no ambiente escolar, e

destacar a importância de promover um ambiente acolhedor que atenda às necessidades emocionais das crianças.

A responsabilidade de promover relacionamentos afetivos recai tanto sobre a escola quanto sobre a família. Portanto, este estudo é relevante não apenas para educadores, mas também para alunos e profissionais interessados em entender as dinâmicas educacionais, especialmente na primeira infância.

Para realizar o presente estudo, optou-se pela metodologia da pesquisa bibliográfica, cujo propósito é organizar de maneira sistemática informações relevantes sobre um tema específico. Lakatos e Marconi (2007, p.157) definem a pesquisa como "um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais."

Considerando todos esses aspectos, para concluir esta pesquisa foi necessário realizar leituras criteriosas, elaborar resumos, fichamentos e sínteses, buscando otimizar o trabalho. Assim, a primeira etapa consistiu na busca por palavras-chave, com o objetivo de localizar documentos relevantes para embasar teoricamente a pesquisa.

As principais palavras-chave consultadas foram Educação Infantil, Afetividade, Aprendizagem, Professor, Aluno, Família, entre outras. Dessa forma, foram examinados títulos, resumos e textos completos para determinar a relevância das informações a serem incluídas nas respectivas análises.

O embasamento teórico deste estudo baseou-se em documentos e em um conjunto de procedimentos sistemáticos, buscando abordar a questão da afetividade na escola de maneira adequada, propondo a reflexão sobre novos aspectos e investigando os autores mais relevantes. Portanto, foi possível estruturar o trabalho utilizando principalmente referências de teóricos como Grochoska (2014), Piaget (1990), Vygotsky (1994), Henry Wallon (1994) e outros. A primeira sessão, A Afetividade no Processo de Aprendizagem, apresenta uma visão geral do tema, discutindo a importância do relacionamento afetivo entre professor e aluno no contexto educacional. Além disso, apresenta os objetivos da pesquisa e a metodologia adotada. A sessão 2, abordará a importância do afeto na educação infantil, Afetividade na Aprendizagem - Neste capítulo, são explorados os conceitos de afetividade e sua relação com o processo de aprendizagem, destacando as contribuições de teóricos como Piaget e Wallon, seguida da sessão 3, A Importância da

Relação Professor/Aluno, explorando a formação docente e Práticas Pedagógicas e a importância da formação dos professores na promoção de práticas pedagógicas que valorizem a afetividade, destacando a necessidade de uma abordagem integrada e sensível às necessidades emocionais dos alunos. Por fim a sessão 4, Família, Escola e Afetividade, discute-se o papel crucial da escola e da família na promoção de relações afetivas saudáveis e no desenvolvimento integral das crianças.

Por fim, na conclusão, apresentar-se-á as principais conclusões do estudo e sugere possíveis direções para futuras pesquisas sobre o tema.

1. A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Existem algumas formas para que os educadores possam atender a essas necessidades das crianças, como por exemplo, demonstrando engajamento no cuidado e interesse genuíno pelo aluno, estabelecendo uma estrutura clara definindo regras consistentes e promovendo a autonomia permitindo que os alunos façam escolhas e estabeleçam conexões entre o conteúdo escolar e seus interesses pessoais. Quando as necessidades básicas das crianças são atendidas, sua participação nas atividades de aprendizagem é aumentada (Skinner & Belmont, 1993), o que, por sua vez, resulta em um melhor desempenho em testes e em notas mais altas (Skinner et al., 1990), porém, não é somente esse o foco, ou ao menos não deveria ser. O envolvimento do professor representa a dimensão afetiva das interações professor-aluno e é fundamentado conceitualmente na teoria do apego.

A escola desempenha um papel crucial no desenvolvimento integral da criança, fornecendo oportunidades para o crescimento intelectual, cognitivo e emocional por meio de interações sociais e construção de conhecimento. Ao considerar o ambiente escolar, é evidente que numerosos estudos destacam a importância da afetividade e da cognição para uma aprendizagem eficaz e não é incomum encontrar abordagens de teóricos como Henry Wallon e Jean Piaget que enfatizam a influência da afetividade no desenvolvimento infantil.

No que diz respeito à afetividade, Piaget (1998) argumenta que ela desempenha um papel significativo na formação global da criança e no desenvolvimento de seu pensamento. Portanto, é essencial que as relações educativas na escola sejam permeadas

pela atenção à dimensão afetiva. Profissionais como psicopedagogos, professores e pedagogos precisam internalizar esse entendimento para poderem interagir de forma mais eficaz com os alunos, integrando aspectos emocionais e cognitivos como parte do processo de aprendizagem.

De acordo com Piaget (1962, p.104):

[...] os aspectos afetivos, sociais e cognitivos da conduta são, de fato indissociáveis, a afetividade constitui a energética das condutas cujas estruturas correspondem às funções cognitivas, e se a energética não explica a estruturação nem o inverso, nenhuma poderia funcionar sem a outra.

Em suma, de acordo com Piaget, cognição e afetividade, embora distintas em sua natureza, são interligadas e não podem ser separadas. Em uma de suas obras, Piaget (2001) declara que "É o interesse e, assim, a afetividade que levam uma criança a decidir sobre a ordenação de objetos e quais objetos ordenar". Ele argumenta que, enquanto a cognição está relacionada à tomada de decisão, a afetividade atua como uma força motivadora no comportamento humano, impulsionando o interesse.

Essa visão sugere a importância de estabelecer relações afetivas na escola para apoiar os alunos e promover um desenvolvimento saudável que transcenda as dificuldades de aprendizagem. Segundo Jean Piaget (1990), a aprendizagem é resultado de uma troca de conhecimentos por meio de interações. Nesse contexto, a afetividade desempenha um papel crucial, uma vez que é fundamental para despertar o interesse e a motivação necessários para a aprendizagem.

É importante ressaltar que a questão da afetividade foi frequentemente discutida também pelo filósofo e psicólogo Henry Wallon, que defendia que:

[a]s emoções consistem essencialmente em sistemas de atitudes que correspondem, cada uma, a uma determinada espécie de situação. Atitudes e situação correspondente implicam-se mutuamente, constituindo uma maneira global de reagir (...). Opera-se então uma totalização indivisa entre as disposições psíquicas, orientadas todas no mesmo sentido, e os incidentes exteriores. (...) Assim se mistura o social com o orgânico. (WALLON, 1981, p. 148-150)

Wallon foi um médico que enfatizou a importância das emoções e da afetividade nas relações humanas e práticas. Suas teorias foram influenciadas pelas interpretações do marxismo sobre o desenvolvimento individual, social, emocional e cognitivo da criança. Diferentemente de seu contemporâneo Jean Piaget, Wallon concentrou seus estudos no desenvolvimento emocional da criança e no papel das emoções no estabelecimento do vínculo entre criança e adultos. Sua teoria é abrangente e influenciou teóricos como Lev Vygotsky, sendo compatível com ideias modernas sobre o desenvolvimento infantil. Segundo Wallon, o desenvolvimento infantil não ocorre em etapas únicas, mas sim em estágios contínuos caracterizados pela interação entre inteligência e afetividade.

É compreensível que os fatores sociais são essenciais, complementares e inseparáveis do desenvolvimento da criança. Portanto, a criação de um ambiente de sala de aula positivo e favorável, aliado a relações produtivas entre professores e alunos, proporcionará uma plataforma na qual os alunos serão incentivados e motivados a crescer, tanto academicamente quanto pessoalmente.

Na concepção de Peixoto (2012, p.38):

É importante que o professor seja consciente e reflexivo em suas ações, apto a trabalhar com afetividade em sala de aula, podendo assim desenvolver o lado emocional no seu aluno, dando-lhe o direito de se expressar e ser compreendido. Proporcionando à formação de alunos mais felizes, satisfeitos e interessados pelos estudos.

Dessa forma, o êxito na prática pedagógica reside na dimensão afetiva da relação entre professor e aluno, que se desenvolve por meio das interações estabelecidas em sala de aula. Quando essa relação é construída com afeto, compromisso e carinho, o envolvimento da criança nas atividades escolares é ampliado. Os professores podem, portanto, atender a essas necessidades demonstrando envolvimento, cuidado e interesse pelo aluno, estabelecendo regras claras e consistentes, e promovendo sua autonomia, oferecendo liberdade para que façam escolhas e estabelecendo conexões entre as atividades escolares e seus interesses pessoais.

2. A IMPORTÂNCIA DO AFETO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No contexto da Educação Infantil, destaca-se sua importância como uma etapa fundamental na trajetória escolar das crianças, visando ao seu desenvolvimento integral. Ao receberem educação desde tenra idade, as crianças geralmente desenvolvem habilidades sociais, cognitivas, intelectuais e de comunicação mais aprimoradas. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, em seu artigo 29, estabelece que a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, cujo propósito é promover o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos de idade, abrangendo aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, em complemento à ação da família e da comunidade.

Nessa perspectiva, a educação infantil desempenha um papel crucial durante essa fase de desenvolvimento da criança, envolvendo objetivos integrados de cuidado e educação. Segundo Sarmiento (2014), uma abordagem centrada no desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil é essencial para garantir seus direitos de forma plena.

Neste sentido, intervenções precoces na primeira infância estão associadas a ganhos cognitivos e socioemocionais significativos e assim, os hábitos saudáveis de aprendizagem adquiridos durante o ensino infantil contribuem para o desempenho acadêmico posterior, especialmente para crianças com necessidades educacionais especiais. Dessa forma, as necessidades de intervenção precoce podem ser identificadas precocemente pelos educadores, permitindo uma intervenção direcionada no processo de aprendizagem da criança.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil,

As instituições de Educação Infantil devem tanto oferecer espaço limpo, seguro e voltado para garantir a saúde infantil quanto se organizar como ambientes acolhedores, desafiadores e inclusivos, plenos de interações, explorações e descobertas compartilhadas com outras crianças e com o professor (BRASIL, 2013, p. 91).

Entretanto, estabelecer vínculos positivos com os alunos da Educação Infantil requer um investimento de tempo e esforço considerável por parte dos educadores. Eles precisam ensinar as crianças com entusiasmo e dedicação, criando um ambiente de aprendizado positivo na sala de aula. Nesse contexto, as emoções e a afetividade podem desempenhar um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem, sendo

utilizadas para promover a motivação e o desenvolvimento de habilidades intelectuais significativas, bem como para cultivar atitudes e valores positivos que contribuam para o desenvolvimento gradual da maturidade emocional e social.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil,

Por isso, os sujeitos do processo educativo dessa etapa da Educação Básica devem ter a oportunidade de se sentirem acolhidos, amparados e respeitados pela escola e pelos profissionais da educação, com base nos princípios da individualidade, igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade. Deve-se entender, portanto, que, para as crianças de 0 (zero) a 5 (cinco) anos, independentemente das diferentes condições físicas, sensoriais, mentais, linguísticas, étnico-raciais, socioeconômicas, de origem, religiosas, entre outras, no espaço escolar, as relações sociais e intersubjetivas requerem a atenção intensiva dos profissionais da educação, durante o tempo e o momento de desenvolvimento das atividades que lhes são peculiares: este é o tempo em que a curiosidade deve ser estimulada, a partir da brincadeira orientada pelos profissionais da educação (BRASIL, 2013, p. 36).

Nesse contexto, é crucial que se estabeleçam vínculos afetivos com professores, colegas de classe e membros familiares desde a Educação Infantil, de modo a proporcionar às crianças experiências emocionais positivas que as incentivem a se envolverem mais e participarem ativamente das atividades escolares. É evidente, portanto, que o impacto positivo das relações afetivas nessa fase inicial da educação básica não deve ser subestimado, uma vez que pode ter efeitos benéficos significativos, especialmente no que diz respeito ao comportamento dos alunos, devido à qualidade dos laços e relacionamentos entre todos os envolvidos nessa etapa escolar.

3. A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

À medida que crescem as pesquisas sobre o desenvolvimento e aprendizado humano, também aumentam as oportunidades para que as escolas aprimorem a qualidade de suas práticas educacionais, tornando-as mais eficazes. No entanto, aproveitar essas informações requer a investigação de ideias provenientes de diversas áreas, como as ciências biológicas, psicológicas, neurociências e ciências do desenvolvimento e da aprendizagem, para que a escola possa integrá-las às suas abordagens educacionais.

Como já abordado, o desenvolvimento escolar de uma criança é influenciado por uma série de fatores, incluindo interações ambientais, condições socioeconômico-culturais e as oportunidades de aprendizado tanto dentro quanto fora da escola. Além disso, processos físicos, psicológicos, cognitivos e sociais exercem um papel direto no comportamento do aluno. Nesse contexto, o estabelecimento de relações positivas entre professor e aluno é crucial, uma vez que os educadores ocupam uma posição privilegiada, agindo como importantes fontes de apoio e estímulo para os alunos, especialmente quando esses aspectos não são fornecidos no ambiente familiar.

Em relação a esse tema, Peixoto (2012, p. 8) ressalta que:

Os educadores em geral, ou seja, pais (e/ou responsáveis) e professores precisam, não só entender como se dá o desenvolvimento, mas também como a cognição e a afetividade estão implicadas nesse processo. E que a afetividade (um tipo de expressão do amor) ajuda o desenvolvimento da cognição. É certo que se aprende melhor quando há um vínculo afetivo entre o ensinante e o aprendente.

Com isso, torna-se evidente que relações positivas entre professor e aluno contribuem para criar um ambiente escolar onde os alunos se sintam parte da comunidade escolar e sejam incentivados a participar ativamente. Isso permite que os alunos desenvolvam confiança para explorar novas experiências e alcancem o sucesso acadêmico, sem o receio do fracasso, enquanto os educadores estabelecem metas e os alunos buscam conselhos e orientações. Dentro do ambiente escolar, os professores frequentemente testemunham uma ampla gama de emoções nas crianças, desde a tristeza de se despedir dos pais pela manhã até a alegria de brincar no recreio, passando pela frustração e raiva quando as coisas não saem como planejado. As crianças estão em processo de identificar e compreender essas emoções, aprendendo a expressá-las e reconhecê-las tanto em si mesmas quanto nos outros.

Para Leite (2008), é relevante considerar que as emoções no ambiente escolar devem ser compreendidas de maneira abrangente, pois as experiências emocionais humanas são complexas. Nesse sentido, a emoção abarca elementos cognitivos e representacionais, como sentimentos e disposições para interagir, que são essenciais para o desenvolvimento infantil. Por essa perspectiva, Peixoto (2012, p.9) argumenta que "As bases emocionais são estabelecidas consciente e inconscientemente por meio de palavras,

gestos ou ações, inicialmente transmitidas pelos pais e depois reforçadas pelos outros adultos com quem a criança interage". O desenvolvimento emocional inclui aprender sobre sentimentos e emoções, compreendendo como e por que eles surgem.

É importante ressaltar que a ansiedade não é a única emoção vivenciada na sala de aula, pois emoções como diversão, raiva, esperança, orgulho e tédio podem influenciar os alunos e seu aprendizado de diversas maneiras. Essas emoções podem ser desencadeadas por vários fatores, como conteúdo das aulas, ambiente escolar, diferenças individuais entre os alunos e fatores externos. Devido à diversidade de emoções e suas causas, e ao número de alunos em uma sala de aula, espera-se que os professores não consigam gerenciar todas essas experiências de forma eficaz. Portanto, é essencial garantir que os educadores sejam altamente qualificados e motivados, conscientes do impacto que exercem não apenas nas notas dos alunos, mas também em seu bem-estar emocional e desenvolvimento geral, tanto dentro quanto fora da escola.

Assim, a formação dos educadores desempenha um papel crucial no aprendizado das crianças. Nessa linha de pensamento, Chaves et al. (2013, p.13) observam que:

A formação de professores para a educação infantil é entendida como um processo permanente que acontece dentro e fora da escola, articulando conhecimentos formalmente estruturados e saberes adquiridos com a prática. Essa concepção enfatiza o caráter histórico e cultural do conhecimento possibilitando uma formação articulada com as necessidades sociais, promovendo a autorrealização e o desenvolvimento dos professores com ela envolvidos.

Nesse contexto, a formação dos professores desempenha um papel crucial, garantindo que eles estejam adequadamente preparados para estimular a criatividade, promover a autonomia e facilitar a socialização das crianças na sala de aula.

Segundo Cunha (2008), o relacionamento afetivo entre o professor e o aluno é fundamental e deve ser priorizado, permitindo que o educador compreenda todos os aspectos da vida do aluno, inclusive seu relacionamento com a família. A família e a comunidade também desempenham um papel significativo no vínculo da criança com a escola. É evidente que o desenvolvimento da aprendizagem é influenciado pelas interações entre as características individuais da criança e seus contextos familiares, comunitários e escolares.

Cada criança possui necessidades específicas que requerem instrução e apoio personalizados para desenvolver competências, habilidades, confiança e motivação. De acordo com Grochoska (2014), discutir sobre a aprendizagem do aluno implica em refletir sobre o papel da escola na sociedade e seus objetivos. Os educadores operam em um ambiente integrado e dinâmico que visa abordar todos os aspectos do desenvolvimento infantil. Isso demanda uma abordagem holística da prática educacional, que promova relacionamentos afetivos e apoie o desenvolvimento social, emocional e cognitivo das crianças.

É importante ressaltar que muitos estudos recentes destacam a importância dos fatores afetivos na prática educacional, pois são motores intrínsecos que aproximam os alunos do aprendizado e aumentam o interesse no conteúdo, tornando os professores mais sensíveis às necessidades de seus alunos.

Como destacado por Tassoni (2008, p. 207):

[...] os sentimentos e emoções produzidos na dinâmica interativa da sala de aula marcaram de maneira significativa a relação dos alunos com o objeto de conhecimento. A intensidade das emoções e sentimentos, agradáveis ou desagradáveis, produzidos nas práticas pedagógicas, possibilita a aproximação ou afastamento dos alunos com o objeto de conhecimento, levando-os a gostar ou não de aprender e de fazer. Da mesma forma, a maneira como cada professor manifestava a sua relação com o objeto de conhecimento, e com a própria docência, produzia sentimentos que aproximavam ou afastavam os alunos do objeto de conhecimento.

Considerando que no ensino infantil as habilidades sociais, autoestima e visão de mundo estão em processo de desenvolvimento, é crucial que os professores ofereçam aos alunos a oportunidade de expressar suas emoções e preocupações, garantindo que eles compartilhem seus sentimentos de insegurança com os colegas, se assim desejarem.

O papel do educador, nesse contexto, é fundamental, proporcionando um ambiente acolhedor e propício a diversas experiências, bem como momentos para a troca de conhecimento entre os alunos. De acordo com Grochoska (2014), as tradicionais obrigações pedagógicas da escola não são mais adequadas às expectativas dos alunos devido às transformações no contexto escolar ao longo do tempo, exigindo dos

professores novas abordagens que valorizem a relação afetiva, a reflexão na construção do conhecimento e o acesso facilitado à informação.

Portanto, para alcançar a excelência educacional, é essencial que as considerações afetivas e cognitivas sejam levadas em conta, garantindo que os professores estejam emocional e fisicamente presentes em suas interações com os alunos.

4. FAMÍLIA, ESCOLA E AFETIVIDADE

Na educação formal, a atenção do professor geralmente se volta para os aspectos cognitivos do ensino e da aprendizagem, com a maior parte do tempo dedicada a atividades voltadas para resultados cognitivos. Avaliar o comportamento e os resultados afetivos das crianças pode ser desafiador para os professores, uma vez que esses aspectos não são facilmente reconhecidos nem abordados por métodos puramente cognitivos.

Dessa forma, é importante considerar a qualidade dos vínculos afetivos nas relações entre escola e família, pois esses laços podem ter um impacto direto na dinâmica da sala de aula. Conforme observado por Machado (2013, p. 143), "Além da família, todos os profissionais que atuam nas instituições escolares, clubes, grupos de jovens entre outros, têm o dever de educar as crianças e os adolescentes e transformá-los em cidadãos críticos e participativos no meio social." Assim, para que as crianças alcancem seu melhor desempenho acadêmico, é fundamental que os pais se envolvam ativamente em sua educação, respeitando os direitos e as legislações que garantem à criança o acesso à educação.

Nesse contexto, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu artigo 227, estabelece claramente que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária [...]

A educação tem suas raízes no ambiente familiar, onde a criança molda sua identidade e adquire suas noções de certo e errado muito antes de ingressar formalmente na escola. Embora a escola desempenhe um papel fundamental no desenvolvimento do

caráter da criança, o impacto mais significativo vem da família, especialmente dos pais, seja no desenvolvimento moral, comportamental ou acadêmico.

Nesse contexto, compreende-se que o sucesso acadêmico começa muito antes do início das aulas, pois as crianças cujos pais destacam a importância da educação têm maior probabilidade de desenvolver a motivação necessária para alcançar seus objetivos acadêmicos e profissionais. De acordo com Salvador et al. (1999), as práticas educacionais atuais variam no que diz respeito ao controle exercido pelos pais sobre os filhos. No entanto, observa-se um progresso, e as famílias estão cada vez mais conscientes de sua responsabilidade em educar as crianças, contribuindo assim para a formação de cidadãos responsáveis na sociedade.

É na família que as crianças experimentam suas primeiras lições de vida, exploram o mundo e se desenvolvem. O papel do educador é esclarecer as expectativas dos pais, oferecer oportunidades claras e viáveis para que participem da vida escolar e comunicar suas expectativas em relação ao comportamento da criança. Embora o professor não tenha controle direto sobre as ações dos pais em casa, ele pode e deve criar um ambiente propício para o aprendizado, incentivando práticas como a leitura antes de dormir, acompanhamento das tarefas de casa e diálogo sobre a vida escolar.

Sobre esse aspecto, Machado (2013, p. 144) adverte:

É geralmente a criança que se comporta de maneira errônea na escola, mente a seus pais; é necessário que esses pais tenham um vínculo maior com a escola, precisam estar mais presentes, mostrando aos filhos que os amam e que se preocupam com eles. O maior erro dos pais é criar atrito com professor ou outro funcionário da instituição escolar, fazendo isso deixará claro para seu filho que acredita somente no que ele fala o que poderá servir de estímulo para suas mentiras.

É importante ressaltar, também, que as primeiras experiências de aprendizado ocorrem no ambiente familiar, onde a criança adquire as normas sociais e os pais assumem o papel fundamental de educadores, promovendo o bem-estar, a socialização e o desenvolvimento emocional, buscando estimular todos os aspectos do crescimento físico, intelectual e emocional de seus filhos.

Machado (2013) destaca que os valores são elementos essenciais na formação da personalidade e não são inatos, mas sim aprendidos por meio da educação. Embora os

valores possam ser ensinados em todas as fases da vida, seu ensino na infância é especialmente importante, pois é nesse período que a personalidade começa a se moldar. Assim, compreende-se que a educação tem início na família e continua nas instituições de ensino, destacando a relevância de ambos os ambientes. Os valores fundamentais são adquiridos principalmente por meio do exemplo dos pais. Quando não há consistência entre os valores ensinados ou observados em casa e na escola, podem surgir conflitos.

Salvador et al. (1999, p. 166) defendem que:

Práticas educativas em que um elevado grau de controle e de exigências maturidade combina-se com um ambiente bastante comunicativo e afetuoso refletem o estilo dos pais denominados democratas. Considera-se que favorecem a autoestima dos filhos e que contribuem ao alcance da autorregulação responsável.

Neste sentido, é essencial que escolas e pais ou responsáveis colaborem para o contínuo desenvolvimento do caráter dos alunos ao longo de sua jornada educacional. O sucesso durante os anos escolares dos alunos depende do esforço conjunto e dos relacionamentos afetivos estabelecidos entre escola e família, visando atender às necessidades das crianças e promover seu desenvolvimento saudável.

Picanço (2012) contribui para essa discussão ao destacar que educadores e escola são parceiros indispensáveis, e a educação envolve estabelecer relacionamentos com todas as partes interessadas, incluindo estudantes, equipe de apoio e pais. Nesse sentido, a família deve colaborar com a escola, pois sem o apoio dos pais, os esforços dos educadores são limitados; a educação se torna mais eficaz quando escola e família trabalham juntas. A promoção de um modelo de parceria pela instituição educacional implica desenvolver um tipo de relacionamento com as famílias que exige a participação dos pais na escola.

Segundo Salvador et al. (1999, p. 158), “a família tem funções psicossociais de proteção de seus membros e facilitação de sua adaptação à cultura à qual pertencem”. Crianças vulneráveis que enfrentam situações de estresse quase contínuo apresentam níveis elevados de cortisol, o que afeta diretamente suas capacidades cognitivas e de tomada de decisão. Assim, seja por meio de uma associação de pais de alunos, acompanhando um passeio escolar ou participando de uma feira, o envolvimento na

escola permite aos pais compartilharem com os professores um objetivo comum: o bem-estar e o desenvolvimento das crianças.

Reflete-se, portanto, que a afetividade na relação entre família e escola requer um debate constante, pois os laços afetivos estabelecidos entre ambas as partes possibilitam o sucesso das crianças na escola e na vida. Segundo Picanço (2012), a construção de laços afetivos entre escola e família é uma aliança fundamental. Surge então a necessidade de os pais ou responsáveis da criança estarem sempre em sintonia com a comunidade escolar, demonstrando interesse, participando e contribuindo significativamente para que surjam novos resultados benéficos na aprendizagem.

A qualidade do ambiente da sala de aula deve ser moldada para atender às necessidades das crianças. Assim, a trajetória para o sucesso escolar começa desde a concepção das crianças e é influenciada tanto pela genética quanto pelo ambiente em que estão inseridas.

Picanço (2012, p. 22) reflete que “a função que a família desempenha, não só não é nada fácil como deve ser exigida responsabilidade de todos os que convivem com a criança, desde os pais, irmãos, outros familiares, aos adultos que a rodeiam”.

Portanto, é necessário que a escola estabeleça uma relação com a família para conhecer melhor o aluno, suas dificuldades e seu comportamento, visando participar da vida dessa criança por meio de um relacionamento afetivo com todos os envolvidos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos objetivos delineados neste estudo, foi possível identificar diversos desafios enfrentados por educadores e alunos no contexto educacional, especialmente no que diz respeito à dimensão afetiva, a qual influencia todos os aspectos da vida humana e, de maneira muito direta, o ambiente da sala de aula. A aprendizagem é um processo complexo que engloba tanto habilidades cognitivas quanto sociais, além de dimensões psicológicas, e é fundamental considerar ambos os aspectos para melhorar o desempenho dos alunos. Portanto, constatou-se que as relações estabelecidas entre professores e alunos desempenham um papel crucial nesse processo.

Destaca-se, ainda, que as emoções foram amplamente discutidas, pois diversos estudiosos e teóricos enfatizam a importância de os educadores levarem em consideração

os sentimentos dos alunos no ambiente escolar. As mudanças no processo de ensino e aprendizagem não decorrem apenas da transmissão de conhecimento, mas também da interação e relação afetiva entre professor e aluno, visto que a construção de vínculos sólidos pode ser um dos fatores mais significativos na transformação da trajetória educacional de uma criança.

Embora a pesquisa sobre questões emocionais no contexto escolar esteja em ascensão, é crucial promover reflexões mais profundas sobre a afetividade na escola, a fim de revisar conceitos e perspectivas sobre o tema. A fase da Educação Infantil assume especial importância nesse contexto, pois é nesse período que podemos antecipar quais crianças podem enfrentar dificuldades de comportamento e aprendizagem no ensino fundamental, com base em suas características individuais, no ambiente familiar e nas interações familiares. A afetividade, nesse contexto, permite que o educador se aproxime mais da criança, compreendendo suas dificuldades, inclusive as emocionais, e avaliando se ela está inserida em um ambiente familiar de risco, contribuindo assim para o bem-estar emocional do aluno.

Conclui-se, portanto, que é cada vez mais importante que o educador promova aulas que incentivem as capacidades e competências, levando-o a buscar constantemente novos conhecimentos e a se tornar um facilitador, um professor que não apenas domina o conteúdo e as metodologias de ensino, mas também sabe como criar um ambiente positivo para as crianças na sala de aula.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. L. **Afetividade: Os benefícios da utilização da afetividade como instrumento facilitador da aprendizagem de crianças nas séries iniciais do ensino fundamental.** Brasília. Trabalho de conclusão de curso. 2005. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream> Acesso em: 03 de Março de 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_07.05.2015/art_227_.as Acesso em 06 de fev. de 2020.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br> Acesso em 11 de fev. de 2020.

CHAVES, A. M. et al. **Formação do professor da educação infantil: infância, criança e ludicidade.** Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba. 2013, p.13.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e aprendizagem: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak. 2008.

GROCHOSKA, M. A. **Organização escolar: perspectiva e enfoques**. 2. Ed. Ver. Curitiba. Intersaberes. 2014. Série pesquisa e prática profissional em Pedagogia.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. (Org.). **Afetividade e Práticas pedagógicas**. São Paulo. Casa do psicólogo. 2. Ed. 2008.

MACHADO, Gilmar. **Paradigmas escolares - processos conceituais da educação**. Ariquemes, RO: 1. Ed. 2013.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro. LTC. 1990.

_____. **A Relação da afetividade com a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Vol. 26 n 3, 1962.

_____, **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2001.

PEIXOTO, D. C.F. **Afetividade e aprendizagem: Uma união necessária para a educação**. Niterói. 2012. Disponível em: <https://www.avm.edu.br/docpdf/monografia> Acesso em: 05 de Março de 2020.

PICANÇO, A. L. **A relação entre escola e família. As suas implicações no processo de ensino-aprendizagem**. Dissertação. Lisboa. 2012. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2264/1/AnaPicanco.pdf> Acesso em 15 de fev. de 2020.

SALVADOR, C. C. et al. (org.). **Psicologia da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SARMENTO, M. J. **Infância contemporânea e educação infantil: Uma perspectiva a partir dos direitos da criança**. 2014. Simpósio. Unesp. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/simposios> Acesso em: 13 de fev. de 2020.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 23. 2000, Caxambu. Anais. Caxambu. 2000a. Disponível em: <<http://www.cursosavante.com.br/cursos/curso40/>> Acesso em 10 de fev. de 2020.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1981.